De Freud a Piaget
Algumas considerações acerca da noção de subjetividade*

JANE CORREA**

1. Considerações primeiras; 2. A impossível tecitura da razão e desejo nos textos piagetiano e freudiano; 3. Considerações finais.

Discute, tomando como referência a noção de subjetividade, a tentativa que ora vem se operando no âmbito da Psicopedagogia, da compatibilização das teorias freudianas e piagetianas, a partir do delineamento dos compromissos epistemológicos da Epistemologia Genética quando confrontada à Psicanálise.

1. Considerações primeiras

Uma teoria científica pode ser entendida como uma certa maneira de conceitualização da realidade através da qual os cientistas interpretam o seu objeto de conhecimento, forjam seus instrumentos e reorientam seu olhar. De acordo com as perspectivas descontinuístas, os cientistas não seriam meros decifradores de mensagens enigmáticas inscritas nos fatos, nem as novas teorias seriam reinterpretações ou uma nova leitura de fatos fixos e estáveis. A investigação científica já suporia um mundo conceituado de uma determinada maneira. Mais do que o primado do pensamento sobre a existência, no sentido de que a razão lance uma rede conceitual sobre a realidade para descobrir seus segredos, a atividade científica implicaria a reconstrução do real, o conhecimento da existência somente se relaciona à reinvenção dos signos. Para Koyré (1982), por exemplo, a construção de uma nova teoria em ciência representa mais que um simples aperfeiçoamento de conceitos, é uma transformação da própria racionalidade. Uma nova concepção da ciência implica menos uma representação cada vez mais rigorosa do real do que a própria reconstrução da realidade a partir da ultrapassagem dos limites da percepção.

Descrita como uma espécie de discurso (Lyotard, 1986), a ciência seria produzida consoante regras que lhe confeririam ao mesmo tempo sua existência e legitimidade. O saber científico, discurso de caráter denotativo, autorizar-se-ia com

* Trabalho apresentado no 5º Encontro Nacional de Psicólogos e Profissionais de Ciências Sociais – ABPA/ISOP-FGV/CRP-05.

** Professora no Instituto de Psicologia da UFRJ (Endereço da autora: Rua Jorge Nascimento Silva, 301/H/301, Pilares – 20.770 – Rio de Janeiro, RJ.) (Trabalho apresentado à Redação: 22.1.90.)

base na argumentação e na administração da prova. Na determinação das regras que legitimem o discurso científico, o critério da consistência interna tem sido apontado por diversos autores. Popper (s.d.), Lakatos (1979) e Bunge (1969), como requisito obrigatório de qualquer teoria científica. Lakatos observa, porém, que a descoberta de uma inconsistência teórica não deve deter de imediato o desenvolvimento de um programa científico em sua fase progressiva. No entanto, ignorar tal inconsistência, ou inserir um sem-número de hipóteses *ad hoc*, na tentativa de emprestar-lhe credibilidade, marcam a fase degenerativa de tal programa.

O privilégio concedido a uma ou outra teoria em psicologia expressa as diversas transformações que a prática psicopedagógica tem sofrido ao longo destes anos. A diferença entre as teorias psicológicas existentes e a multiplicidade dos fenômenos com que se depara o psicólogo em sua prática cotidiana, impele-o ao salutar, porém, não recente, exercício da dúvida e a procura de novos rumos teóricos. No esteio desta busca privilegiou-se, em nosso tempo, a teoria piagetiana. Na tentativa de uma compreensão holista dos processos cognitivos procurou-se, ainda, recorrer a outras contribuições teóricas, notadamente a psicanálise, com o intuito de realizar uma compatibilização entre as teorias freudiana e piagetiana.

O presente ensaio visa delinear, a partir da noção de subjetividade, os compromissos epistemológicos da Epistemologia Genética, quando confrontada à teoria psicanalítica, discutindo a tentativa de compatibilização das teorias freudiana e piagetiana, realizada através da busca de integração entre o sujeito do desejo e o sujeito do conhecimento.

2. A impossível tecitura de razão e desejo nos textos piagetiano e freudiano

Pensar a noção de subjetividade no interior do projeto piagetiano de uma Epistemologia Científica é pensá-la como tributária de uma teoria do conhecimento, que, procurando romper com a tradição metafísica, aventurou-se na tentativa de unificar o empírico e o transcendental numa empreitada tão mais ousada do que aquela que resultou na transformação da imagem do universo pela física moderna, através da unificação de céus e Terra num espaço infinito e esvaziado de suas diferenciações, destituídos de lugares privilegiados e submetidos à precisão dos conceitos matemáticos.

O projeto piagetiano nasce, então como eminentemente interdisciplinar, produto da cooperação científica na tentativa de descartar-se de toda certeza subjetiva, de toda evidência intuitiva em favor dos métodos e regras de controle elaborados pela comunidade científica.

A Epistemologia Genética terá a pretensão de, em dando destaque à atividade do sujeito não tornar-se idealista, em considerando a existência do objeto e nele se ancorando não ser positiva.

O projeto se propõe como tarefa dar conta de uma série de questões como a da subordinação do conhecimento à existência de um sujeito e do ideal de objetividade da atividade científica, da concepção do conhecimento como uma elaboração contínua e do estabelecimento de um critério crítico que responda pela distinção entre verdade e erro, ciência e ideologia.

A episteme piagetiana concebe o sujeito como um sujeito do conhecimento, um sujeito da racionalidade. Piaget se inscreve assim na tradição iniciada na Modernidade com Descartes quando a subjetividade tornou-se o princípio de toda certeza, inclusive a da própria existência do mundo. Apontar as idiossincrasias do sistema piagetiano, retraçar seus compromissos epistemológicos significa tornar

inequívoca a vinculação de sua teoria a uma determinada concepção do saber, especificamente àquela que se configura pela sua disposição de análise e do valor conferido à racionalidade.

No que se refere à noção de subjetividade,[1] a Psicanálise operou uma inversão no cartesianismo, quando produziu um descentramento em relação à razão e à consciência. A consciência, em Freud, vai se revelar como o lugar do ocultamento. Opera-se uma mudança radical a partir da qual nenhum procedimento de exegese ou reflexão poderá manter: o estatuto de verdade do discurso consciente. Produz-se, portanto, um descentramento da razão e da consciência em favor da lógica do inconsciente e do desejo que a anima.

Essa mesma inversão, reconhecida como uma das três grandes feridas narcísicas sofridas pelo saber ocidental, ao lado da teoria heliocêntrica com Copérnico e da teoria da evolução das espécies de Darwin, não se pode operar em nível epistemológico. Freud pretendeu fundar uma nova ciência, estabelecida sob o signo da ordem e do determinismo, o mesmo modelo segundo o qual a Ciência Moderna se erigiu.

Ambos, Piaget e Freud, cada um ao seu turno, mantiveram, no âmbito epistemológico, um compromisso com a racionalidade. Piaget, ao erigir o projeto de uma Epistemologia nascida no interior da própria ciência, à medida que uma teoria do conhecimento deveria se valer dos mesmos instrumentos utilizados pela razão na construção do conhecimento científico: a verificação empírica e a formalização lógico-matemática. Freud, por sua vez, quando concebe o objeto de sua ciência segundo uma ótica determinística: nada haveria de arbitrário nos fenômenos psíquicos.

A pergunta que ora se impõe é se tal compromisso nos autoriza a realizar uma compatibilização de duas teorias que diante de seu objeto orientaram-se segundo perspectivas radicalmente diversas. Neste sentido, a diferença é irredutível.

O sujeito freudiano é o sujeito do desejo, expresso na inversão de Lacan da máxima cartesiana: "penso onde não sou, portanto sou onde não me penso".[2] É a marca da ruptura a que o sujeito é submetido de maneira inexorável, numa formulação que opõe a reflexividade da consciência a uma outra ordem, cuja sintaxe ignora a temporalidade, o princípio da não-contradição e a própria negação: "Eu não sou ali onde sou o brinquedo de meu pensamento, penso o que sou ali onde não me penso pensar".[3]

O próprio Piaget se ilude na miragem de uma possível convergência entre a Epistemologia Genética e a Psicanálise que de factual só existe a constatação da dicotomia estabelecida, no âmbito da investigação psicológica, entre os aspectos lógico-racionais e emocionais como objeto de estudo e do reconhecimento da importância das duas perspectivas teóricas no curso do saber ocidental além, obviamente, da genialidade de seus autores.[4]

[1] Os textos freudianos tomados como referência neste estudo foram: A história do movimento psicanalítico; O inconsciente e a Interpretação dos sonhos. Consultados, também, Garcia-Roza (1984), Ricoeur (1977).

[2] In: Vallejo & Magalhães, 1979, 155.

[3] Ibid.

[4] Cumpre esclarecer que, aqui, não se advoga a manutenção das dicotomias que permeiam a investigação psicológica. Perspectiva que não só remontaria, mas perpetuaria o dualismo cartesiano mente/corpo. Considero, no entanto, que a superação de tais dicotomias seja possível pela construção de um modelo teórico que certamente não se constituiria pela simples justaposição de conceitos oriundos de teorias diversas ignoradas suas "idiossincrasias" epistemológicas.

Em Inconsciente Afetivo e Cognitivo, conferência proferida em sessão plenária da Sociedade Americana de Psicanálise, publicada em 1972, integrando a obra Problemas de Psicologia Genética, Piaget acredita haver um paralelo entre o estudo das representações e funções cognitivas e a teoria psicanalítica, através da articulação dos conceitos de inconsciente afetivo e cognitivo. A proposta é a da fundação de uma Psicologia Geral que dê conta da indissociabilidade dos mecanismos afetivos e cognitivos.

"(...) É conveniente pensar, desde agora, na fundação de uma psicologia geral versando simultaneamente sobre os mecanismos descobertos pela psicanálise e sobre os processos cognitivos (...)" (Piaget, 1973: 47).

Mas qual o sentido, ou melhor, os sentidos, que assumem o conceito de inconsciente nos textos freudiano e piagetiano?

Se, de acordo com Leplanche e Pontalis, pudéssemos concentrar numa só palavra a originalidade da teoria freudiana esta escolha recairia incontestavelmente no conceito de inconsciente. O inconsciente freudiano é eminentemente uma noção tópica e dinâmica, o que assinala uma distinção entre o caráter substantivo de sua formulação e o sentido assumido pelo termo até então.

Até a formulação freudiana do inconsciente como uma ordem irredutível, estruturado por elementos próprios, numa sintaxe onde os mecanismos de deslocamento e condenação formam sua lei constitutiva, o termo inconsciente era empregado de maneira puramente adjetiva, designando aquilo que não se fazia presente no campo atual da consciência sem, no entanto, referir-se a ele como um sistema formal com sua lógica própria e irredutível à ordem imposta pela consciência.

A noção de inconsciente não é um conceito central no interior da formulação teórica de Piaget. Ela é empregada em seu sentido adjetivo para descrever a impossibilidade de captação por introspecção das regras lógicas que regem a atividade cognitiva do sujeito. O indivíduo só tem conhecimento do produto de sua atividade, de seus conteúdos e não da sintaxe que o anima.

"O inconsciente cognitivo consiste assim num conjunto de estruturas e de funcionamento ignorados pelo indivíduo, exceto em seus resultados e é pois por razões profundas que Binet enunciou outrora essa verdade com ares de um dito espirituoso: 'O pensamento é uma atividade inconsciente do espírito'." (Ibid. p. 35).

Estas regras lógicas, embora façam parte, em nível psicológico do inconsciente cognitivo, são no entanto, a expressão, num nível superior, do próprio sujeito epistêmico, de a reflexão sobre a natureza das estruturas se torna possível.

"Mas isso só concerne aos resultados do funcionamento íntimo da inteligência e ele permanece inteiramente desconhecido ao indivíduo até níveis bem superiores, onde a reflexão sobre esse problema das estruturas se torna possível." (Ibid. p. 34-5).

Como, na tópica freudiana, os sistemas Insconsciente, Pré-consciente/Consciente constituem duas ordens distintas, irredutíveis uma a outra, os conteúdos do inconsciente não logram a sua representação na consciência sem submeterem-se às suas exigências.

Tais exigências referem-se por um lado à sintaxe da qual o sistema Pré-consciente/Consciente é tributário, o que submeteria qualquer dos conteúdos inconscientes a uma nova ordem fundada nos princípios da lógica, submetidos à temporalidade e ao princípio da realidade.

Esta diferença por si só já seria responsável pela diferença entre os conteúdos manifesto e latente, tornando o acesso do sujeito aos conteúdos do inconsciente enquanto tais para sempre uma impossibilidade.

Outro fator responsável por esta não-correspondência isomórfica, ou para sermos mais exatos, pela modificação de expressão, entre os conteúdos inconscientes e conscientes reside na própria natureza da representação possível em cada um destes sistemas. As representações imagéticas pertencem, sobretudo, a ordem do Inconsciente, enquanto que a linguagem é tida como o instrumento por excelência do sistema Pré-consciente/Consciente.

Para ter-se idéia do que a diferença entre os modos de representação característicos de cada um dos dois sistemas produziria, quando da expressão de um conteúdo pertencente ao Inconsciente em sua versão consciente, bastaria imaginarmos, numa comparação grosseira, como seria transcrever a charge do dia de um jornal nas linhas de seu editorial.

Por não ter o mesmo sentido substantivo que em Freud, o conceito piagetiano de inconsciente cognitivo não guarda referência a conteúdos tais, cujo processo de tomada de consciência implicaria uma necessária mudança em sua expressão e significado.

"(...) O indivíduo sabe mais ou menos o que pensa de um objeto ou de um problema e que conhece mais ou menos suas opiniões e suas crenças, em particular na medida em que consegue formulá-las a outra pessoa ou para se opor a julgamentos diferentes." (Ibid. p. 34).

Convém novamente assinalar o que Piaget designa como inconsciente cognitivo não implica qualquer referência a uma duplicidade de registro ou a existência de duas instâncias psíquicas distintas. Assim, a sintaxe que constitui o inconsciente cognitivo piagetiano é diametralmente oposta e irredutível àquela que rege o inconsciente freudiano e vice-versa.

"(...) L'inconscient n'est que l'expression de l'impuissance de notre introspection. Il n'existe pas deux domaines mentaux séparés par une frontière, mais bien un seul et même travail de l'esprit, donc même dans les états les plus lucides, nous n'apercevons qu'une très faible partie (centrée sur les résultats obtnus et non pas sur le processus comme tel), et qui nous échappe à peu près totalement lors que nous ne le contrôlons plus de près." (Piaget, 1961, p. 214).

"O inconsciente cognitivo não comporta com efeito conceitos como representação e a idéia mesma de representações 'inconscientes' me parece contraditória, apesar de ser corrente." (Piaget, 1973, p. 42).

Desta forma não existe meramente uma diferença de objetos, cognitivo ou afetivo, o que há em realidade é que a noção de inconsciente em Piaget e em Freud se traduz numa linguagem radicalmente diferente.

Retornando à questão da distinção ou exclusão de um conteúdo e sua representação consciente, Piaget se pergunta por que alguns esquemas sensório-motores tornam-se conscientes por uma tradução em conceitos representativos enquanto outros permanecem inconscientes.

A resposta aparece clara: a tomada de consciência representa uma reconstrução em outro nível daquilo que já havia alcançado organização em nível anterior. Neste caso, a tomada de consciência de um esquema sensório-motor dependeria da sua compatibilização ao sistema de idéias conscientes anteriores.

Piaget compara a exclusão de um esquema sensório-motor à sua representação consciente ao conceito de recalcamento na teoria analítica.

Para Freud (1972a), a teoria do recalcamento constitui-se na pedra angular da própria Psicanálise à medida que o recalcamento se torna o processo responsável pela clivagem da subjetividade em duas instâncias diferenciadas, o Inconsciente e

o Pré-consciente/Consciente, cada uma delas reguladas por leis que lhes são próprias.

Mesmo que a referência tenha sido feita ao recalcamento secundário, cuja função consiste em impedir o acesso ao sistema Pré-consciente/Consciente de representações inconscientes, não se torna de maneira alguma obsoleta a referência ao suposto de uma clivagem anterior do psiquismo em duas instâncias distintas. Aliás é no suposto desta clivagem que o recalcamento secundário tem fundamento, uma vez que como processo é efeito de eterno conflito entre os sistemas Inconsciente e Pré-consciente/Consciente.

Ora, a reconstrução das conquistas sensório-motoras no plano representativo não se acham impedidas de modo algum por uma diferença radical de registros. A tomada de consciência, e é bom se frise, é em si mesma isomórfica ao esquema de ação, e se torna possível desde que haja a construção de novas estruturas que permitam essa integração.

"A reconstrução conceitualizada que caracteriza a tomada de consciência pode ser de antemão suficiente, quando não é inibida por nenhuma contradição. Se não, ela é primeiramente deformante e lacunar, depois se completa pouco a pouco graças a novos sistemas conceituais permitindo ultrapassar contradições por integração dos dados nesses novos sistemas." (Piaget, 1973 p. 42-3).

O processo de tomada de consciência, em Piaget, é descrito como conceitualização e os esquemas sensório-motores ou operatórios são tornados "conteúdos" inconscientes.

"(...) o inconsciente (cognitivo) é povoado de esquemas sensório-motores ou operatórios já organizados em estruturas, mas exprimindo o que o sujeito pode "fazer" e não o que ele pensa." (Ibid. p. 42).

A não-conceitualização de um esquema sensório-motor, por outro lado, não se exprime tão somente por um processo de exclusão fundado na contradição com um sistema ideacional anterior, pode também ocorrer como uma demonstração de sua eficiência adaptativa, uma vez que seja transformado em automatismo. A tomada de consciência se faz necessária sempre que intervenha a noção de intencionalidade.

"Ora, se uma ação bem adaptada nao tem necessidade de tomada de consciência, é porque ela é dirigida por regulações sensório-motoras suficientes, que podem então se automatizar. Pelo contrário, quando uma regulagem ativa se torna necessária, o que supõe escolhas intencionais entre duas ou várias possibilidades, há tomada de consciência em função dessas necessidades mesmas. (...)" (Ibid. p. 42).

O mecanismo por excelência da tomada de consciência na teoria psicanalítica é a interpretação. A atividade interpretativa em Freud aponta para um recolhimento do sentido que se esconde de representação em representação numa cadeia infinita. Por analogia, seria como se ao procurarmos o significado de uma palavra no dicionário, fôssemos recursivamente procurar cada um dos termos da definição inicial e assim sucessivamente. O processo só terminaria por uma decisão arbitrária do sujeito não havendo, portanto, um esgotamento do sentido pelo procedimento de exegese.

Por fim, há que se considerar a maneira pela qual a teoria piagetiana concebe a relação afeto e cognição. Embora considerando cognição e afetividade como aspectos solidários no desenvolvimento dos indivíduos, Piaget tende, naturalmente como um bom cognitivista, a tratar a questão da afetividade em sua íntima correlação com a inteligência, concebendo o desenvolvimento afetivo como paralelo e

tributário do desenvolvimento cognitivo, embora a ele não se reduzindo integralmente já que o afeto é tratado, sobretudo, como uma energética.

"(...) não se ama sem procurar compreender e nem mesmo se odeia sem um jogo sutil de julgamentos. Quando dizemos 'esquemas afetivos', é preciso, portanto, compreender bem que isso significa simplesmente o aspecto afetivo de esquemas que são, por outro lado, igualmente intelectuais." (Piaget, 1978, p. 267-8).

"En cuanto a las novedades afectivas que caracterizan a este mismo período (adolescência) hay que destacar dos principales, como de costumbre son paralelas o correspondientes a las transformaciones intelectuais, puesto que la afectividade representa la energetica de las conductas cuya estructura define las funciones cognitivas (...)" (Inhelder & Piaget, 1972, p. 291-2).

"Dessas múltiplas convergências, não poderíamos naturalmente concluir que são as construções cognitivas que engendram as modificações afetivas. Mas não acredito também que são elas que determinam as construções cognitivas, como os psicanalistas poderiam estar tentados em crer de antemão (...). Certamente a afetividade ou sua privação podem ser a causa de aceleração ou atraso no desenvolvimento cognitivo e Spitz mostrou bem em análises célebres. Mas isso não significa que a afetividade engendre, nem mesmo modifique as estruturas cognitivas, cuja necessidade permanece intrínseca." (Piaget, 1973, p. 47).

3. Considerações finais

Promover, portanto, uma assimilação recíproca entre os textos freudianos e piagetianos, numa aproximação entre o sujeito do conhecimento de Piaget e o sujeito do desejo de Freud implica fundamentalmente alterar-lhe a face, dotá-los de uma nova identidade, retraçar-lhes uma nova genealogia. Negar tal fato é produzir como sujeito de uma "Psicologia Geral" um novo Frankenstein.

A conclusão de tudo isso, parafraseando Piaget, é de que ainda permancem muitos problemas a serem resolvidos e diríamos tanto maiores quanto os vislumbra a Epistemologia da Psicologia. Mas se a solução não se acha inscrita na teoria piagetiana, talvez o caminho lhe esteja indicado, e é, sem dúvida, o da cooperação científica, fator que, como nos ensina Piaget, distingue a sabedoria do conhecimento, a fé racionada da busca da verdade.

Abstract

Discuss, refering to the notion of subjectivity, the attempt, within the psychopedagogical context, to integrate freudian and piagetian theories.

Referências bibliográficas

Bunge, M. *La investigación científica:* Su estrategia y su filosofia. Barcelona, Aries, 1969.

Freud, S. *História del movimiento psicoanalítico* (Obras Completas t. 5). Madrid, Biblioteca Nueva, 1972a.

——. *Lo inconsciente.* (Obras Completas t. 6). Madrid, Biblioteca Nueva, 1972b.

——. *La interpretación de los sueños* (Obras Completas, t. 2). Madrid, Biblioteca Nueva, 1972c.

Garcia Roza, L.A. *Freud e o inconsciente.* Rio de Janeiro, Zahar, 1984.

Inhelder B. & Piaget, J. *De la lógica del niño a la lógica del adolescente.* Buenos Aires, Paidos, 1972.

Koiré, A. *Estudos de história do pensamento científico.* Rio de Janeiro, Forense/Brasília, Universidade de Brasília, 1982.

Lakatos, I. O falseamento e a metodologia dos programas de pesquisa científica. In: Lakatos, I. & Musgrave, A. (org.). *A crítica e o desenvolvimento do conhecimento*. São Paulo, Cultrix/Editora da Universidade de São Paulo, 1979.

Laplanche, J. & Pontalis, J. B. (s.d.). *Vocabulário de psicanálise*. São Paulo, Martins Fontes.

Lyotard, J. F. *O pós-moderno*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1986.

Piaget, J. Problèmes psychologiques généraux de la pensée lógico-mathématique. In: Beth, E. W. & Piaget, J. *Epistémologie mathématique et psychologie*. Paris, PUF (EEGXIV), 1961.

——. *Problemas de psicologia genética*. Rio de Janeiro, Forense, 1973.

——. *A formação do símbolo na criança:* imitação, jogo e sonho, imagem e representação. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

Popper, K. (s.d.) *A lógica da pesquisa científica*. São Paulo, Cultrix.

Ricoeur, P. *Da interpretação:* ensaio sobre Freud. Rio de Janeiro, Imago, 1977.

Vallejo, A. & Magalhães, L. C. *Lacan: Operadores de leitura*. São Paulo, Perspectiva, 1981.